FRONTEIRAS ENTRE ESCRAVIDÃO E LIBERDADE: UM OLHAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA MATERNA DE AFRICANAS (MARIANA, 1711-1760)

Palavras-Chave: maternidade, escravizadas, liberdade, mobilidade social

Aluna: Caroline Aparecida da Cunha [IFCH]

Orientador: Prof. Dr. Aldair Carlos Rodrigues [IFCH]

Resumo: Este trabalho buscou analisar as complexidades das relações formadas dentro do sistema escravista Colonial, a partir dos casos de intersecção da maternidade negra com a escravidão e liberdade, considerando-se mães, filhos e senhores-pais brancos. Com base na bibliografia sobre gênero, escravidão e a historiografia específica das alforrias e testamentos, principais documentos utilizados, tensionamos as leituras e argumentações apreendidas com os dados encontrados nas fontes. Assim, procuramos entender melhor como as escravizadas leram e utilizaram os jogos de poder existentes como estratégia para a liberdade e ascensão social, como explicitar as violências constantemente presente mesmo em situações menos desfavoráveis, comparativamente a outras realidades no período.

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa buscou investigar a vida de mulheres escravizadas que, no contexto cativo, se tornaram mães de crianças fruto de relações com senhores brancos. Tais crianças estão presentes nas alforrias de liberdade concedidas em Mariana, na primeira metade do século XVIII, sendo elas um importante aspecto da experiência cativa feminina. Olhamos a maternidade como uma estratégia de conseguir a liberdade e/ou melhores condições de vida e até ascensão social, dentro dos limites estabelecidos pelas esferas hegemônicas de poder. Porém, sabe-se que as Minas no período colonial foi um período de muita mobilidade social, uma sociedade com grande fluxo de pessoas que buscavam melhorar seu status, de modo que essas formas de comportamento abriram fissuras e permitiram que pessoas de baixa estratificação social pudesse ascender.[1] Todo esse contexto possibilitou que africanas cativas buscassem meios para reestruturas suas vidas se valendo das próprias estruturas de dominação.

A questão central a ser abordada por esta pesquisa são as diferentes formas de configuração que as relações escravistas assumiam a depender dos sujeitos em foco: ao colocarmos em perspectiva mulheres cativas – papel generificado assumido por corpos biológicos lidos como femininos no Ocidente[2] –

[1] RODRIGUES, Carlos Aldair. FURTADO, Júnia.

[2] SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.- dez. 1995. OYEWUMI, Oyeronke. "Preface", "Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects". In: *The Invention of Women*: Making an African Sense of Western Gender Discourses. University of Minnesota Press, 1997.

podemos vislumbrar relações escravistas tecidas de diferentes formas no cotidiano. Acreditamos que a experiência materna das escravizadas possibilitou uma nova forma de socialização dentro do sistema escravista colonial, viabilizou a esse grupo generificado que a própria condição de subjugação fosse uma estratégia. Nesse caso, a maternidade negra e a paternidade branca construíram formas complexas no sistema escravista.

No contexto mais amplo, permiti-nos mostrar que, primeiro, o gênero influência nas formas como o poder se perpetua na sociedade; segundo, a escravidão possuiu configurações muito mais complexas do que a subordinação senhor-escravo preconiza e, por fim, nos casos de intercurso sexual que são interseccionados pela maternidade, as escravizadas eram beneficiadas pela relação paterna constituída pelos seus senhores e seus filhos. O objetivo é estudar as trajetórias de vida das pessoas envolvidas em tais configurações. A questão central a ser abordada são as diferentes formas de configuração que as relações escravistas assumiam a depender dos sujeitos em foco: ao colocarmos em perspectiva mulheres cativas – papel generificado assumido por corpos biológicos lidos como femininos no Ocidente[3] – podemos vislumbrar relações escravistas tecidas de diferentes formas no cotidiano.

Existe uma vasta bibliografia que identificaram as mulheres e crianças como maiores beneficiárias das alforrias nas Minas colonial, ainda que não apontassem como o papel de gênero de mulheres negras e homens brancos interferia na manifestação do poder. Em maioria, argumentavam sobre como a posição inferior e sexualizada de mulheres tornavam possível maior afeição senhorial.[4] Contudo, a análise de testamentos e alforrias abre brechas para outras interpretações dos fatos. Conseguir a liberdade foi lugar de constante negociação para os escravizados, já que os possuidores não eram obrigados a alforriá-los. Diante da condição dessas personagens, em que se interseccionam gênero, etnia e status social, vislumbramos uma experiência da escravidão em que o papel de mulher e mãe assumida por uma pessoa na condição de cativa muda a forma como a interação senhor-escravo foi constituída. Nesse contexto, os papéis de gênero assumidos modificam as relações subalternas e modificam a forma como o poder hegemônico se expressa por parte de quem detém o poder. Acreditamos que os papéis de gênero assumidos por corpos biológicos femininos na Colônia tensionavam, construíam e reiteravam, simultaneamente, as relações sociais tecidas em contexto escravista, complexificando o entendimento sobre a sociedade nesse período.

METODOLOGIA:

[3] SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.- dez. 1995. OYEWUMI, Oyeronke. "Preface", "Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects". In: *The Invention of Women*: Making an African Sense of Western Gender Discourses. University of Minnesota Press, 1997.

[4] SCHWARTZ, Stuart B. "Alforrias na Bahia, 1684-1745". In: *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: EDUSC, 2001. pp. 165-212. GONÇALVES, Andrea Lisly. "Alforrias na capitania de Minas Gerais". In: *As margens da liberdade:* estudo sobre a prática de alforrias em Minas Colonial e provincial. Belo Horizonte, MG: Fino Traço: FAPEMIG, 2011, pp. 109-160. Apesar de ambos os autores, principalmente o primeiro, dar ênfase às ações dos escravizados no processo de manumissão, no que se refere às mulheres, os debates ainda são travados pela afeição e subordinação destas.

Neste trabalho analisamos testamentos e alforrias, documentos cartoriais disponível no Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana.[5] O arquivo possui em seu acervo documentação referente ao Fórum, Arquidiocese e Câmara Municipal de Mariana, em Minas Gerais, produzidos entre 1709 e 1956.[6] A cidade abrangia 46 distritos entre áreas rurais e urbanas, regiões das quais provém os sujeitos encontrados nas fontes. Essas fontes são, portanto, parte integrante de vontades e interações humanas registradas em cartórios, com o intuito de firmar compromisso com a palavra dada e ter garantia de cumprimento do disposto em notas escritas pelo tabelião.

O olhar atento aos detalhes registrados das história de indivíduos, permite-nos capturar modos de viver e pensar, existências complexas e experiências dialéticas. Ao destrinchar as informações, percebemos conexões entre nomes conhecidos, vistos em outros documentos, aos quais voltamos para entender as relações sociais tecidas a partir da conexão entre mais de uma fonte que registram um mesmo indivíduo. Esses métodos são a fundamentação das análises históricas desenvolvidas nesta iniciação científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Na primeira fase, a proposta da pesquisa foi buscar nas alforrias e nos testamentos casos em que crianças são libertas.[7] Dessa busca, resultou-se na seleção de 537 alforrias em que crianças são manumitidas, a partir das quais identificamos as mães, libertas e escravizadas, dentre elas, muitas vezes foi possível saber de onde vieram, permitindo traçar um perfil dessas mulheres. O gráfico a seguir demonstra o resultado dessa busca, pelo qual justificamos a ênfase em um grupo específico. As mulheres oriundas da África Ocidental são majoritárias dentre as encontradas na documentação, motivo pelo qual esta pesquisa enfatizou-as enquanto personagens principais da maternidade que as crianças "mulatas" interseccionavam. Elas eram comumente descritas como "Mina", termo genérico cunhado pelos portugueses para descrever pessoas vindas da região Ocidental do continente africano. Os principais portos

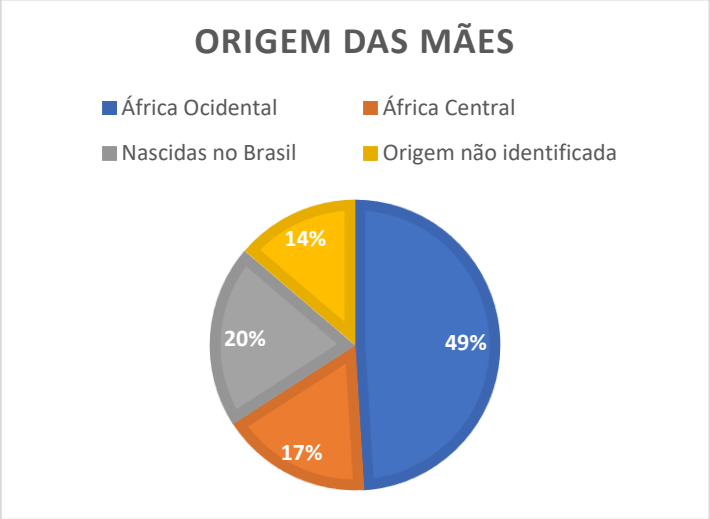

Figura 1- origem das mães de crianças manumitidas (1731-1763)

[5] Disponível para a aluna por meio da base de dados de seu professor-orientador Aldair Carlos Rodrigues. Todos os trechos usados neste trabalho são transcrições do manuscrito feitas por mim.
[6] Dados disponíveis em: http://www.lampeh.ufv.br/CasaSetecentista/comp/apresentacao.php.
[7] para ambos os casos utilizamos o acervo do professor-orientador em que se encontra digitalizados documentos da casa setecentista de mariana.

de embarque foram Uidá, Popó Grande e Jakin, com pessoas advindas do litoral, e principalmente, do interior.[8]

As informações encontradas nas alforrias são as elencadas na tabela seguinte,[9] permitindo que buscássemos perfis de manumitidos, percebendo a relação das mães com as crianças libertas.

TIPOLOGIA	Carta de Liberdade (1) ou Escritura de Alforria e Liberdade (2)
Data	28/11/1742
Nome e nação do alforriado	Maria "crioulinha"
Idade do alforriado	"3 para 4 anos"
Nome e condição social do senhor	Francisco da Silva Costa, homem branco
Local de residência do senhor	Arraial das Catas Altas
Valor da alforria e quem pagou	Gratuita
Condições	Não consta
Justificativa	"[...] a qual crioulinha por lhe haver nascido em casa e por lhe fazer esmola pelo amor de Deus disse forrava [...]"
Nome e nação da mãe	Rita Courana
Nome e nação do pai	Não consta

Figura 2- Informações provenientes das alforrias

Pelas alforrias encontramos variedades de casos em que crianças são manumitidas, em muitos as mães permaneciam escravizadas, em outros eram libertas. As alforrias utilizadas se encontravam manuscritas e muitas foram transcritas para esta pesquisa, permitindo-nos aprofundarmos nas suas informações e construir alguns perfis da vida dessas crianças, como suas mães e a paternidade raramente identificada, e quando ocorrido, seus senhores eram os pais.

Os testamentos, por sua vez, viabilizaram uma investigação mais aprofundada dos casos encontrados na análise serial das alforrias. Eles exprimem importantes aspectos da vida de seus testadores, como a posse de bens, dívidas, heranças, família constituída na Colônia e em Portugal. Através dessas informações, é possível buscar relações de solidariedade, compadrio, familiares legítimos e ilegítimos. Para os testamentos, a intenção era olhar testamentos de senhores brancos e mulheres negras. Do primeiro grupo, analisamos o de um senhor que lega sua ex-escravizada como testadora, também analisamos o testamento desta formulado uma década depois. A intenção é aprofundar nas histórias e questões que as manumissões fazem emergir. Buscamos casos interseccionados pela maternidade, identificados pela presença de crianças tidas como "mulatas" nas fontes, dentre os quais encontramos 27 dentre 98 documentos de pretas forras que declararam ter filhos.

[8] Ver: SILVA, Carlos da. "A Diáspora Mina-Gbe no Mundo Atlântico". In: RODRIGUES, Aldair; LIMA, Ivana Stolze e FARIAS, Juliana Barreto (Orgs.). **A diáspora mina**: africanos entre o Golfo do Benim e o Brasil. 1ª edição. [Rio de Janeiro]: Nau Editora, 2021. LAW, Robin. "Etnias africanas na diáspora": novas considerações sobre o significado do termo "mina". *In*: **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, n. 20, v. 10, jan./jul., pp. 98-120.

[9] Na tabela foi utilizada as informações da Escritura de Alforria e Liberdade de Maria "Crioulinha". Disponível em: Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana, Livro de Notas 60, folhas 37 e 37-verso.

CONCLUSÕES:

As alforrias e testamentos demonstram que as relações da escravidão são muito mais complexas do que a subjugação direta senhor-escravos. Acreditamos que a experiência materna das escravizadas possibilitou uma nova forma de socialização dentro do sistema escravista colonial, possibilitando a esse grupo generificado que a própria condição de subjugação fosse uma estratégia. No contexto mais amplo, permiti-nos mostrar que, primeiro, o gênero influência nas formas como o poder se perpetua na sociedade; segundo, a escravidão possuiu configurações muito mais complexas do que a subordinação senhor-escravo preconiza e, por fim, nos casos de intercurso sexual que são interseccionados pela maternidade, as escravizadas eram beneficiadas pela relação paterna constituída pelos seus senhores e seus filhos. As africanas demonstram participar de jogos de poder no qual a maternidade negra se torna uma estratégia para a liberdade e ascensão social, a partir da paternidade branca, do papel de cuidado assumido por senhores de escravizados perante crianças "mulatas" e "crioulas".

Não é óbvio que, a despeito do modelo familiar europeu, a maternidade negra tenha interferido na escala social, dando a essas mulheres de cor lugares de poder como testamenteiras e testadoras. As africanas moldavam a cultura econômica, sendo o segundo grupo com as maiores posses; a cultura religiosa, tornando o concubinato a maioria das denúncias investigadas pela inquisição; e o modelo escravista, visto que, em perspectiva comparada, a Colônia Portuguesa teve um dos indícios mais altos de concessão de alforrias. Certamente, podermos afirmar que as configurações das relações dentro do sistema escravista não estão dadas.

BIBLIOGRAFIA

BERRY, Daina Ramey, and HARRIS, Leslie M. (orgs.). **Sexuality and Slavery**: Reclaiming Intimate Histories in the Americas. Athens: University of Georgia Press, 2018.

BUSH, Barbara. **Slave women in Caribbean society**: 1650-1838. Kingston: Heinemann, 1990.

CAMPBELL, Gwyn.; MIERS, Suzanne.; MILLER, Joseph C. (orgs.). **Women and Slavery**: Africa, the Indian Ocean World, and the Medieval North Atlantic, vol. 1. Athens: Ohio University Press, 2007.

COWLING, Camillia. **Concebendo a liberdade***:* mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2018.

DANTAS, Mariana L. R. **Mulheres e mães negras**: mobilidade social e estratégias sucessórias em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII. Almanack. Guarulhos, n.12, 2008.

FARIAS, Sheila de Castro. "Mulheres forras: riqueza e estigma social". In: **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, n° 9, 1999, pp. 65-92.

FIGUEIREDO, Luciano. **Barrocas famílias**: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo, SP: Hucitec, 1997. 198p.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes***:* o outro lado do mito. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

GINZBURG, Carlo. "Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito". In: _____. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 249-279.

GINZBURG, Carlo. "O inquisidor como antropólogo". In: **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras. 2007, p. 287.

PAIVA, Eduardo França. **Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII**: estratégias de resistência através dos testamentos. São Paulo: Annablume editora. 2009. 240p.

PALMER, Jennifer L. **Intimate bonds**: family and slavery in the French Atlantic. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2016.

PINHEIRO, Fernanda Aparecida Domingos. **Confrades do Rosário**: sociabilidade e identidade étnica em Mariana – Minas Gerais (1745-1820). Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2006. 205p.

RODRIGUES, Aldair; LIMA, Ivana Stolze e FARIAS, Juliana Barreto (Orgs.). **A diáspora mina**: africanos entre o Golfo do Benim e o Brasil. 1ª edição. [Rio de Janeiro]: Nau Editora, 2021.

_____. "Familiatura do Santo Ofício e distinção social". *In*: **Limpos de Sangue**: familiares do Santo Ofício, Inquisição e Sociedade em Minas Colonial. São Paulo: Alameda Editorial, 2011, pp. 207-238.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.- dez. 1995.

STEVENSON, Brenda E. "What's love got to do with it? Concubiage and enslaved women and girls in the antebellum South". In: Berry, Daina Ramey, and Leslie M. Harris, eds. *Sexuality and Slavery: Reclaiming Intimate Histories in the Americas*. ATHENS: University of Georgia Press, 2018, pp. 159-189.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. **Pensar a história cruzada**: entre empiria e reflexividade. Textos de História, v. 11, n. 1/2, p. 89-127, 2003.

YEWUMI, Oyeronke. **The Invention of Women**: Making an African Sense of Western Gender Discourses. University of Minnesota Press, 1997.